

Capítulo 3

AUTO-ENTREGA NOS TRABALHOS - O CAMINHO DO GITA

Um Yoga de trabalhos, uma união com o Divino em nossa vontade e atos – e não somente em conhecimento e sentimento – é então um elemento indispensável, inexprimivelmente importante de um Yoga integral. A conversão de nosso pensamento e sentimento sem uma conversão correspondente do espírito e corpo de nossas obras seria uma realização mutilada.

Deve haver uma consagração ao Divino de nossas ações e movimentos exteriores tanto quanto de nossa mente e coração. Deve ser aceita e progressivamente realizada uma entrega de nossas capacidades de trabalho nas mãos de um Poder maior atrás de nós e deve desaparecer nosso sentido de sermos o agente e o trabalhador.

Essa Vontade e Energia divinas maiores devem ser tornadas conscientes em nós e dominar; não devem mais permanecer, como agora, somente uma Força super-consciente, sustentadora e autorizadora.

Mas ainda, cada um deve seguir sua natureza, e sempre há dificuldades que têm que ser aceitas por algum tempo se concordamos em seguir nosso caminho natural do Yoga. O Yoga é, afinal, em primeiro lugar, uma mudança da consciência e natureza interiores, e se o equilíbrio de nossas partes é tal que isso deve ser feito com uma inicial exclusividade e o resto deixado para um manuseio posterior, devemos aceitar a imperfeição aparente do processo.

Todavia o trabalho ideal de um Yoga integral seria um movimento, mesmo desde o início, integral em seu processo e inteiro e multifacetado em seu progresso. Em todo caso, nossa preocupação atual é com um Yoga integral em seu objetivo e movimento completos, mas começando das obras e prosseguindo pelas obras embora a cada passo mais e mais movido por um amor divino vivificante e mais e mais iluminado por um conhecimento divino sustentador.

Quais são então as normas do karmayoga preconizadas pelo Gita? Ele propõe uma atividade integral dinâmica baseada numa passividade quieta; seu segredo é uma ação a mais ampla possível, irrevogavelmente baseada numa calma imóvel – expressão livre de um silêncio interior supremo.

Todas as coisas aqui são o Brahman uno e indivisível, eterno, transcendente e cósmico, que é, em sua aparência, dividido em coisas e criaturas; em aparência apenas, porque na verdade ele é sempre um e igual em todas as coisas e criaturas e a divisão é somente um fenômeno de superfície.

Enquanto vivemos na aparência ignorante somos o ego e estamos sujeitos aos modos da Natureza. Escravizados às aparências, amarrados às dualidades, oscilando entre bom e mau, pecado e virtude, tristeza e alegria, dor e prazer, boa sorte e má sorte, sucesso e fracasso, seguimos desamparadamente o círculo de ferro ou de ouro e ferro da roda de Maya.

Se, ao contrário, vivemos na realidade unificadora do Brahman, então vamos além do ego e ultrapassamos a Natureza. Pois então voltamos ao nosso si verdadeiro e tornamo-nos o espírito; no espírito estamos acima do impulso da Natureza, superiores aos seus modos e forças.

Alcançando uma igualdade perfeita na alma, mente e coração, realizamos nosso verdadeiro si de unidade – unos com todos os seres, unos também com aquele que se expressa neles e em tudo que vemos e experienciamos. Essa igualdade e essa unicidade são a base dupla indispensável que devemos assentar para um ser divino, uma consciência divina.

Não sendo unos com tudo, somos espiritualmente não divinos. Não sendo uma alma igual para com todas as coisas, acontecimentos e criaturas, não podemos ver espiritualmente, não podemos conhecer divinamente, não podemos sentir divinamente os outros.

A mente flutua num redemoinho de forças naturais, oscila num equilíbrio entre várias possibilidades, se inclina para um lado ou outro, decide e tem a sensação de escolher; mas ela não vê, nem é mesmo levemente consciente da Força por detrás daquilo que determinou sua escolha.

Por detrás dessa insignificante ação instrumental da vontade humana há algo vasto e poderoso e eterno que supervisiona a tendência da inclinação e pressiona a direção da vontade. Este é o Poder ou Presença a que se refere o Gita quando fala do Senhor dentro do coração de tudo que existe, o qual aciona todas as criaturas pela ilusão da Natureza como se elas fossem peças de uma máquina.

Ser perfeitamente igual em todos os acontecimentos e para com todos os seres e vê-los e senti-los como unos consigo e unos com o Divino; sentir tudo em si mesmo e tudo em Deus; sentir Deus em tudo e a si mesmo em tudo.

Mas através de quais passos práticos de auto-disciplina podemos chegar a essa consumação?

A eliminação de toda atividade egoística de sua base, a consciência egoística, é claramente a chave para a consumação que desejamos. E desde que no caminho das obras, a ação é o nó que temos que primeiramente desatar, devemos tentar desatá-lo onde ele está centralmente amarrado, no desejo e no ego; pois de outra maneira cortaremos somente fios perdidos e não o coração de nossa servidão.

Estes são os dois nós de nossa sujeição a essa Natureza ignorante e dividida: desejo e sentido-de-ego. E desses dois, o desejo tem sua morada de origem nas emoções e sensações e instintos, e a partir deles afeta o pensamento e vontade; o sentido-de-ego vive realmente nesses movimentos, mas lança suas raízes mais profundas também na mente pensante e sua vontade e é lá que ele se torna plenamente auto-consciente.

No campo da ação, o desejo toma muitas formas, mas a mais poderosa de todas é o desejo vital do si ou a busca pelo fruto de nossos trabalhos.

O fruto que ambicionamos pode ser uma recompensa de prazer interno, pode ser a realização de alguma idéia preferida ou alguma vontade acalentada, ou a satisfação de emoções egoísticas, ou ainda o orgulho do sucesso de nossas esperanças e ambições mais altas. Ou

pode ser uma recompensa externa, uma recompensa inteiramente material – riqueza, posição, honras, vitória, boa sorte ou alguma outra realização do desejo vital ou físico.

Mas todos são igualmente iscas pelas quais o egoísmo nos agarra. Sempre essas satisfações nos enganam com o senso de maestria e a idéia de liberdade, enquanto na verdade nós estamos selados e conduzidos ou somos cavalgados e açoitados por alguma expressão grosseira ou sutil, nobre ou ignóbil, do Desejo cego que dirige o mundo.

Portanto a primeira regra de ação estabelecida pelo Gita é fazer o trabalho que deve ser feito sem nenhum desejo pelo fruto, *niskama karma*. Uma regra simples em aparência, e contudo, como é difícil ir até o fim com algo como uma sinceridade absoluta e inteireza libertadora!

O desafio que o Gita coloca é o de uma igualdade absoluta da mente e do coração diante de todos os resultados, todas as reações, todos os acontecimentos. Se boa ou má sorte, se respeito ou insulto, se boa reputação ou desonra, se vitória ou derrota, se acontecimentos agradáveis ou tristes, nos deixam não somente inabalados, mas intocados, livres nas emoções, livres nas reações nervosas, livres na visão mental, não respondendo com a menor perturbação ou vibração em nenhum ponto da natureza, então temos, e não de outra maneira, a absoluta libertação que o Gita nos aponta.

A menor reação é uma prova que a disciplina é imperfeita e que alguma parte de nós aceita a ignorância e a escravidão como sua lei e adere ainda à velha natureza. Nossa auto-conquista está somente parcialmente realizada; é ainda imperfeita ou irreal em algum trecho ou parte ou ponto mínimo do solo de nossa natureza. E aquele pequeno seixo de imperfeição pode derrubar todas as conquistas do Yoga!

Há certas semelhanças de um espírito equânime que não devem ser confundidas com a profunda e vasta igualdade espiritual que o Gita ensina. Há uma igualdade da resignação desapontada, uma igualdade de orgulho, uma igualdade de dureza e indiferença: todas essas são egoísticas em sua natureza. Inevitavelmente elas surgem no curso da *sadhana*, mas elas devem ser rejeitadas ou transformadas na verdadeira quietude.

Há também, em um nível mais elevado, a igualdade do estóico, a igualdade da resignação devota, ou um sábio desapego, a igualdade de uma alma distante do mundo e indiferente a seus acontecimentos. Estas também são insuficientes. Podem ser primeiras aproximações, mas são no máximo somente fases iniciais da alma ou preparações mentais imperfeitas para nosso ingresso na verdadeira e absoluta unidade do espírito auto-existente, ampla e igual.

Pois é certo que um resultado tão grande não pode ser alcançado imediatamente e sem estágios prévios.

De início temos que aprender a suportar os choques do mundo com a parte central de nosso ser intocada e silenciosa, mesmo quando a mente, o coração e a vida de superfície são fortemente sacudidos. Imóveis, lá na pedra fundamental de nossa vida, devemos separar a alma, que observa atrás ou é imune profundamente dentro, desses trabalhos exteriores de nossa natureza.

Posteriormente, estendendo essa calma e estabilidade da alma desprendida de seus instrumentos, lentamente se tornará possível irradiar paz do centro luminoso para as periferias escuras.

Nesse processo podemos lançar mão da ajuda passageira de muitas fases menores. Um certo estoicismo, uma certa filosofia calma, uma certa exaltação religiosa podem nos ajudar em direção a alguma proximidade de nosso objetivo, ou podemos mesmo chamar poderes de nossa natureza mental menos fortes e exaltados, mas ainda assim úteis. No final devemos descartá-los ou transformá-los e chegar, em vez disso, a uma inteira igualdade, uma perfeita paz auto-existente interior e mesmo, se pudermos, um deleite totalmente inatacável, auto-equilibrado e espontâneo.

Mas como então continuaremos a agir em qualquer circunstância? Pois comumente o ser humano age porque tem um desejo ou sente uma carência ou necessidade física; ele é conduzido pelas necessidades do corpo, pela cobiça de riquezas, honras ou fama, ou por uma ânsia por satisfações pessoais da mente ou do coração ou uma ânsia por poder ou prazer. Ou é capturado e posto em ação por uma necessidade moral ou, pelo menos, a necessidade ou o desejo de fazer suas idéias ou seus ideais ou sua vontade ou seu partido ou seu país ou seus deuses prevalecerem no mundo.

Se nenhum desses desejos nem nenhum outro devem ser a mola de nossa ação, pareceria que todo poder incentivador ou motivador teria sido removido e a ação em si mesma deveria necessariamente cessar.

O Gita responde com seu terceiro grande segredo da vida divina. Toda ação deve ser feita em uma consciência que progressivamente visa a Deus e finalmente numa consciência que possui a Deus. Nossas obras devem ser uma oferenda ao Divino e no final uma entrega de todo nosso ser, mente, vontade, coração, sentidos, vida e corpo ao Um, devem tornar o amor de Deus e o serviço de Deus nosso único motivo.

Esta transformação da força-motivo e o caráter verdadeiro dos trabalhos é realmente sua idéia mestra; ela é a fundação de sua síntese única de obras, amor e conhecimento. No fim não o desejo, mas a vontade conscientemente percebida do Eterno permanece como o único condutor de nossa ação e o único originador de sua iniciativa.

Igualdade, renúncia de todo desejo pelo fruto de nossas obras, a ação feita como uma oferenda ao Senhor supremo de nossa natureza e de toda natureza, – estas são as três primeiras aproximações a Deus no caminho do karmayoga da Gita.